

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

**Literatura da Estiagem: *Famintos* e *Os Flagelados do Vento Leste***

João Luiz Xavier Castaldi – Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; Professor de Literatura no Colégio CB-COC (São Roque-SP)

**Resumo:** No presente trabalho pretende-se ressaltar a especificidade do romance *Famintos* (1962), de Luís Romano – escritor, pesquisador e militante do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde) –, em face da estética usual na Literatura Cabo-Verdiana de então. O referido romance tem como tema a principal questão social abordada pela Literatura do país em questão: a tragédia cíclica das secas que, combinadas com o descaso do regime colonial, dizimavam periodicamente a população de camponeses – embora a estiagem e a miséria sejam motivos frequentes nas Letras de Cabo Verde, *Famintos* revela-se uma espécie de fenômeno isolado, tanto pela crueza inédita com que expõe o definhamento forçado da população da “Ilha-Sem-Nome”, seu “hiper-realismo”, como pela abordagem mais social, politizada e historicista que dá ao tema, comumente retratado à maneira de uma Tragédia grega, como situação sem saída e destino infalível dos ilhéus. Para tanto será realizado um cotejo entre essa obra e o romance *Os Flagelados do Vento Leste* (1959), do “claridoso” Manuel Lopes: livro que aborda exatamente o mesmo período histórico – a longa seca que assolou a Ilha nos anos quarenta –, porém de um ponto de vista mais “tradicional”, se é que assim podemos chamá-lo.

**Palavras-chave:** 1. Literatura Cabo-Verdiana; 2. Romano, Luís; 3. Lopes, Manuel.

Luís Romano Madeira de Melo nasceu em 1922, no Cabo Verde sob domínio colonialista. Militante do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde), bem como pesquisador da cultura nacional e defensor da oficialização do idioma cabo-verdiano, o escritor radicou-se no Brasil, para onde veio como exilado no começo dos anos sessenta e permaneceu até o fim da vida, vindo a falecer em Janeiro de 2010 na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, onde viveu por quase cinquenta anos.

Nosso objeto de estudo é *Famintos*, seu único romance, escrito na década de 1940. Embora tenha circulado clandestinamente, inclusive em Portugal, a publicação do romance foi vetada pela PIDE – Polícia Internacional para a Defesa do Estado –, a polícia política e ultramarina do ditador português Antônio de Oliveira Salazar, vindo a obra a ser publicada no Brasil, em 1962 (e mais tarde proibida também pela nossa Ditadura). Nas palavras do próprio autor, *Famintos* foi o

livro que me condenou a desaparecer, fornecendo-me vigor para, isoladamente, manter com vida a chama de, até hoje, ter conseguido empunhar meu grito de protesto contra o padecimento que testemunhei numa das piores fases da miséria nas Ilhas de Cabo Verde! (Silenciados pela Pide).<sup>1</sup>

O romance é composto por capítulos mais ou menos independentes, ambientados na Ilha de Santo Antão (ilha natal do escritor), que na obra torna-se “Ilha-Sem-Nome”, durante a grande seca dos anos quarenta: estiagem que durou cerca de seis anos e coincidiu com a Segunda Guerra Mundial, o que dificultava a chegada de ajuda internacional. A impossibilidade do cultivo gera um êxodo do interior para o povoado já quase sem recursos, que resulta em mendicância e crime – de desgraça em desgraça o desespero toma conta da população enclausurada na ilha, espetáculo assistido pela meia dúzia de ricos que lá habita.

A década de 1930, com a fundação da revista *Claridade* pelos escritores Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, em parte inspirados pelo Regionalismo brasileiro e preocupados em “fincar os pés no chão” das ilhas, é quando os letrados cabo-verdianos voltam-se irreversivelmente para a busca de temáticas e estética de raízes genuinamente nativas. O estudioso Pires Laranjeira (1995, p. 190) resume bem a questão, quando diz que a revista seguiu “um ideário que teve como principais premissas afastar-se dos cânones portugueses e exprimir a voz coletiva do povo cabo-verdiano naquilo que ele possuía de mais autêntico”. A geração da *Claridade* foi de fato a grande divisora de águas na prosa de Cabo Verde, a ponto do poeta José Luís Hopffer Almada (1998, p. 167) dizer que

com a obra ficcional dos claridosos [...] são tecidas as linhas-mestras da moderna ficção cabo-verdiana, quais sejam: a) o telurismo, enquanto tessitura literária da comunhão entre o homem cabo-verdiano e o seu meio-ambiente [...]

---

<sup>1</sup> Carta de Luís Romano para o autor deste trabalho, de Julho de 2009.

b) a abordagem do conjunto dos dramas do povo cabo-verdiano. [...] Antes de mais, no que se refere às condições ecológicas e sociais de sobrevivência.

O fato é que desde os escritores pioneiros, chamados nativistas, a relação do habitante das ilhas com espaço que o cerca foi o tema dominante tanto da poesia como da prosa cabo-verdianas. Com os escritores claridosos, o enfoque incide mais precisamente sobre a questão das frequentes secas e suas implicações (que vão da emigração ao crime e à morte por inanição), ou seja, sobre as “condições ecológicas e sociais da sobrevivência” a que Almada se refere. Não é à toa que o escritor Antônio Aurélio Gonçalves (1960, p. 30), em ensaio sobre essa geração de escritores, afirma que

Existe um leit-motiv nas letras cabo-verdianas no começo do período de que nos temos ocupado até agora: a estiagem – e as suas consequências: a pobreza, a estreiteza de cada meio, a desolação da paisagem, os horizontes que fecham as ilhas no seu círculo [...].

*Famintos*, embora trate das consequências da falta de chuva e tenha sido escrito na década de 1940, portanto em pleno período de vigência da estética claridosa, é profundamente diferente das obras de sua época. Trata-se, na verdade, de um fenômeno isolado na literatura cabo-verdiana, tanto pela crueza inédita com que expõe o definhamento forçado da população da “Ilha-Sem-Nome”, seu realismo sem pudores, como pela abordagem mais politizada e historicista que dá à tragédia da seca, tema comumente retratado à maneira de uma Tragédia grega, como uma situação sem saída, destino infalível dos ilhéus. No intuito de ilustrar o modo como se dava a representação da realidade na ficção dos claridosos, citamos novamente Almada (1988, p. 168):

[...] as chuvas e sua ausência, com todas as consequências nefastas consubstanciadas na tragédia das secas, das crises e das fomes, surgem como o verdadeiro barômetro do destino do Homem das ilhas e do seu modo de se apreender e aos ciclos vitais de sua existência.

Em ensaio sobre a agricultura de subsistência e a relação supersticiosa que o cabo-verdiano tem com os períodos de chuva e estiagem, fruto tanto da herança de religiões africanas animistas como de uma rígida educação católica, o escritor Daniel Spínola discorre sobre os rituais sincréticos realizados para que a chuva não falte, e afirma que de fato o camponês “está convencido que havendo chuva regular todos os anos não precisa de

mais nada: nem do Governo, nem da ajuda externa, pois estarão asseguradas as colheitas” (1998, p. 50). Os escritores de então parecem compartilhar essa abordagem “mística” da tragédia das secas, na intenção de retratar a ligação do cabo-verdiano com a terra e a luta do homem do campo pela sobrevivência.

É quase impossível tratar desse tema sem fazer menção a *Os Flagelados do Vento Leste*, talvez o mais célebre romance sobre a seca em Cabo Verde – e que retrata exatamente o mesmo período representado em *Famintos: a grande seca dos anos 1940*. No romance do claridoso Manuel Lopes não há referências à faceta política da miséria, e a estiagem de fato é entendida pelos personagens como um misterioso desígnio de Deus. O enredo trata da desintegração de uma família de camponeses cujo chefe, José da Cruz, recusa-se a abandonar as terras que lavra, permanecendo fiel ao patrão e à esperança cega na melhora do clima. Mesmo o nome do personagem, “da Cruz”, evoca forte religiosidade e como que a predisposição a uma lenta agonia: enquanto todos os seus vizinhos abandonam um a um os ranchos estorricados para trabalhar na abertura de estradas estatais em troca de comida, o “compadre Izé” não arreda pé de casa, porque “destino de homem de enxada é cavar e semear. Este é que é destino de homem: cavar e meter grão. A espiga vem do desígnio de Nosso Senhor. Se não vem é porque Ele não quis. Seja feita a sua vontade” (LOPES, 1979, p. 37). Ao saber que Leandro, o filho mais velho que há muitos anos vivia como pastor, tornara-se um salteador por não ter mais rebanhos para cuidar, amaldiçoa-o e deixa de aceitar os mantimentos que este vem oferecer: prefere enterrar a mulher e todos os filhos menores, vitimados pela fome, a abandonar seu ofício de lavrador ou receber comida de um ladrão, afinal “Andar no caminho ruim, é melhor que andar fora do caminho” (LOPES, 1979, p. 16). José da Cruz é o protótipo do homem ligado à terra, que nela acredita apesar de tudo, e não por acaso o narrador compara a ele e a família a “raízes arrancadas”.

No decorrer do romance são frequentes as metáforas religiosas, o que reforça a noção de que a Natureza reflete os desígnios do sobrenatural e não há nada que se possa fazer a respeito, a não ser suportar resignadamente o castigo: assim, o vento leste é descrito como “as portas do Inferno” ou como “anjos maus” com “hálito de fogo” (LOPES, 1979, p. 107), e as velhas camponesas afirmam que lestada, gafanhotos e estiagem são as três calamidades que ao descerem juntas sobre a terra anunciam o fim do mundo.

A Natureza, má, revela o Destino dos homens, e a esses cabe aceitá-lo e dobrar-se à periodicidade das secas que cedo ou tarde vêm, como uma maldição que as pessoas aprenderam ano após ano a suportar – alguns emagrecem e adoecem, outros morrem, mas a chuva faz a esperança brotar novamente e o campesinato retoma suas atividades, que serão interrompidas pela próxima estiagem mais longa. Há trechos que tratam do “começo da escravização do menino pela terra” (LOPES, 1979, p. 49), quando os garotos, cheios de orgulho, começam a usar calças de homem e acompanhar os pais nos trabalhos agrícolas, e outros em que o suor é descrito como uma desgraça que chega “devagar e inexoravelmente, com os passos arrastados do carrasco encarregado de nos passar o baraço ao pescoço [...]” (LOPES, 1979, p. 119). É como se o sol e o vento fossem as forças que escravizam os homens e fizessem as vezes de seus algozes por vontade própria, e o despotismo dos administradores simplesmente não viesse ao caso. Quanto a José da Cruz e sua família,

Não havia neles nenhum sentimento de revolta, porque ninguém se revolta contra o Destino; o Destino é um enviado de Deus, e, nessa qualidade, representava Deus nas decisões que tomava, nos caminhos que traçava para os homens. E os homens não tinham culpa das determinações que vinham de cima. Tudo o que ficava do dia de hoje para diante não lhes pertencia (LOPES, 1979, p. 132).

Já o livro de Romano condena de forma bastante direta não só o descaso das autoridades coloniais, que se aproveitam da periodicidade da fome para recrutar mão de obra barata, como a mansidão do povo, que não se revolta por interpretar a ausência das chuvas como castigo divino. Nas páginas de *Famintos* subjaz uma crítica mordaz a essa inocência obscurantista, e principalmente ao abuso que dela faz o governo colonial. Aqui já não há flagelados do vento leste, mas flagelados do colonialismo, e as determinações não vêm tão “de cima” assim: vêm da Metrópole e da burguesia nativa, que lucram com as estações de seca – estações da mão de obra quase gratuita, da oportunidade de aquisição de terrenos, casas e animais por uma fração ínfima do que valem e da possibilidade de endividar perenemente o pequeno agricultor. Segundo Russel Hamilton, teórico das literaturas africanas, (1984, p. 169), a obra “oferece uma visão tão diferente dos temas caboverdianos que chega a ser iconoclástica”. Na definição de José Luís Hopffer Almada (1998, p. 169), *Famintos*

[...] constitui certamente a primeira obra de denúncia total de todo o sistema colonial e de toda a economia da fome em Cabo Verde, em especial da pilhagem dos famintos pelo capital usurário no campo e do enriquecimento de alguns à custa das vítimas das estiagens.

Se observarmos as passagens em que o personagem Campina, que participara de greves de trabalhadores e conflitos violentos na Argentina, revolta-se contra a mansidão de seus compatriotas, fica clara a diferença de tratamento que Romano dá ao tema da miséria do camponês das ilhas. Incitando o povo a derrubar as portas de um armazém cheio de milho, propriedade de um rico comerciante, Campina se exalta: “Povo que devia não ter nascido porque não tem energia para gritar seu padecimento. É primeira vez que sou testemunha de ver criatura acabando sem fazer um movimento para aguentar” (ROMANO, 1975, p. 64). Embora ocorram casos isolados e desorganizados de hortas invadidas e pequenos furtos no transporte de milho – delitos severamente punidos com espancamentos que, devido à autoridade ilimitada dos proprietários e à debilidade física dos esfomeados delinquentes, costumam resultar em morte –, a rebelião que o “argentino” procura articular jamais se concretiza.

Mesmo entre personagens como Roberto e Rufino, ex-lavradores empregados na abertura de estradas que acreditam que “Campina precisa é ouvir missa para lavar pecado” e que pelo fatalismo com que encaram a situação assemelham-se aos *Flagelados* de Manuel Lopes, há sempre alguma consciência de que alguém sai ganhando em meio àquela tragédia, como se pode observar no seguinte diálogo:

- Mundo tem castigo! Mundo tem culpa de alguma falta que hoje é pobreza que está pagando! [...]

- Sim. Só pobreza é que está pagando. Rico vai ficar dono disto tudo: Sr. Joãozinho, Comerciante, Modrongo, Miguelinho e esses outros que têm loja para trocar terra de cada um por litro de milho branco. (ROMANO, 1975, p. 82)

É interessante observar que em *Famintos* há sempre o contraponto com os ricos da Ilha, representados em vários dos personagens principais e que parecem viver a época mais feliz de suas vidas, fazendo negócios mais do que lucrativos, competindo entre si na conquista de garotas, degustando licores importados e acompanhando as notícias da

Guerra: gordos, bem vestidos e indiferentes à multidão de desgraçados que morre de fome. A verdade é que Luís Romano dá muito mais ênfase ao contraste entre os “santos de carne” da burguesia crioula e o “povo-menino, cheio de ilusões e esperanças”, que se contenta “com uma canção qualquer e uns bagos de milho que Deus, de quando em quando mandava” (p. 235), do que à representação das forças da Natureza como um flagelo. Aqui a seca é apenas o pano de fundo, a causa primária, enquanto o verdadeiro flagelo fica por conta dos comerciantes que sobem preços e juros a seu bel prazer, da brutalidade dos capatazes dos “caminhos-de-Estado” e da Administração Pública que amontoa os miseráveis no casarão chamado de “Abrigo”, para que morram mais depressa – o próprio sub-título da obra, *Romance do Povo Caboverdiano sob o domínio colonialista*, já deixa mais do que explícita a intenção do autor.

### **Bibliografia**

ALMADA, José Luís Hopffer. *A Ficção Cabo-Verdiana Pós-Claridosa: Aspectos Fundamentais da Sua Evolução*. In: VEIGA, Manuel (coord.). *Cabo verde, Insularidade e Literatura*. Paris: Karthala, 1998.

AUERBACH, Erich. *Mimesis – A representação da realidade na literatura ocidental*. Tradução de George B. Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1994.

Paulo: Editora 34, 2009.

BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no Século XIX: O Espetáculo da Pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CHALENDAR, Pierre et Gérard. *Estrutura Tipológica e Alcance Político de Famintos de Luís Romano*. In: ROMANO, Luís. *Famintos*. Lisboa: Ulmeiro, 1983.

FERNANDES, Margarida M. de Menezes F. M. *Hora di Bai: Os Cabo-Verdianos e a Morte: uma abordagem antropológica através da literatura de ficção*. Lisboa: Editora Vega, 2004.

FERREIRA, Manuel. *Introdução*. In: LOPES, Baltasar (org.). *Antologia da Ficção Cabo-Verdiana Contemporânea*. Praia: Edições Henriquinas, 1960.

\_\_\_\_\_. *O mito hesperitano ou a nostalgia do paraíso perdido*. In: *Les Literatures Africaines de Langue Portugaise a la Recherche de l'Idendité Individuelle et Nationale – Actes du Colloque International*. Paris: Foundation Calouste Gulbenkian, 1985.

\_\_\_\_\_. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: ICP, 1977.

GONÇALVES, Antônio Aurélio. *Problemas da Literatura Romanesca em Cabo Verde*. In: LOPES, Baltasar (org.). *Antologia da Ficção Cabo-Verdiana Contemporânea*. Praia: Edições Henriquinas, 1960.

HAMILTON, Russel G. *Literatura Africana, Literatura Necessária Volume II – Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Edições 70, 1984.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LOPES, Manuel. *Os Flagelados do Vento Leste*. São Paulo: Ática, 1979.

LUKÁCS, Georg. *Narrar ou Descrever*. Tradução de Giseh Vianna Konder. In: *Ensaio sobre Literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MELETÍNSKI, Eleazar. *Os Arquétipos Literários*. Tradução de Aurora F. Bernardini, Homero F. de Andrade e Arlete Cavaliere. Cotia: Ateliê Editorial, 1998.



MELLO, Ana Maria L. de. *A Paris de Os Miseráveis de Victor Hugo*. In: *Ciências e Letras* nº 25. Porto Alegre: FAPA 1999.

NOA, Francisco. *Literatura Colonial em Moçambique: o paradigma submerso*. In *Via Atlântica* nº 3. Maputo, 1999.

PESAVENTO, Sandra J. *A Representação da Pobreza na Literatura: a Miséria na Paris do Século XIX*. In: *Ciências e Letras* nº 25. Porto Alegre: FAPA, 1999.

RIAUSOVA, Helena. *Famintos*. In: ROMANO, Luís. *Famintos*. Lisboa: Ulmeiro, 1983.

RIBEIRO, Renato Janine. *Um Novo Olhar* (Apresentação). In: HUGO, Victor. *Os Miseráveis*. Tradução de Frederico O. P. de Barros. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

ROMANO, Luís. *A Língua Caboverdiana*. In: ROMANO, L. (org.). *Contravento: Antologia Bilingue de Poesia Caboverdiana*. Taunton: Atlantis Publishers, 1982.

\_\_\_\_\_. *Contravento: Antologia Bilingue de Poesia Caboverdiana*. Taunton: Atlantis Publishers, 1982.

\_\_\_\_\_. *Famintos*. Lisboa: Nova Aurora, 1975

\_\_\_\_\_. *Kabverd: Civilização e Cultura*. Rio de Janeiro: Minerva Press, 2000.

\_\_\_\_\_. *Negrume (Lzimparin)*. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1973

\_\_\_\_\_. *O Papel do Escritor na Afirmação e Desenvolvimento da Língua Nacional*. In: ROMANO, L. (org.). *Contravento: Antologia Bilingue de Poesia Caboverdiana*. Taunton: Atlantis Publishers, 1982.

\_\_\_\_\_. *Os Flagelados de Manuel Lopes*. In: LOPES, Manuel. *Os Flagelados do Vento Leste*. São Paulo: Ática, 1979

SCHÜLLER, Donaldo. *Rumo a Novo Nilbud, a cidade dos pobres*. In: *Ciências e Letras* n° 25. Porto Alegre: FAPA, 1999.

SCHWARZ, Roberto (org.). *Os Pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SPÍNOLA, Daniel. *Sementeira, Chuva e Seca*. In: VEIGA, Manuel (coord.). *Cabo verde, Insularidade e Literatura*. Paris: Karthala, 1998

VEIGA, Manuel (coord.). *Cabo verde, Insularidade e Literatura*. Paris: Karthala, 1998.

ZOLA, Émile. *O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro*. Tradução de Ítalo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1982.